Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte ...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1034

20 DE SETEMBRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

NESTOR

CONSELHEIRO JOSÉ DIAS FERREIRA

Falecido em 9 do corrente

(De fotografia)

Chronica Occidental

Uma das mentiras em que mais facilmente se cae, é n'aquella a que vulgarmente se chama a visita da saude. Até a morte, que é o mais certo para tudo quanto vive, parece que muita vez se diverte em ser mentirosa. Enche-se de esperança o doente, porque soffre menos; traz com um sorriso uma esperança á familia; chegam os medicos a illudir-se, ainda que muito costumados.

Foi o que aconteceu com José Dias Ferreira, cujas melhoras annunciavamos na ultima chronica, sahindo a publico á hora em que já telegrammas annunciavam a sua morte. Facilmente acreditamos o que o nosso coração deseja; por isso, mais facilmente a visita de saude nos engana a todos.

Morreu um homem que todos respeitavam, e cujos serviços, quer como politico, quer como jurisconsulto, foram incontestados.

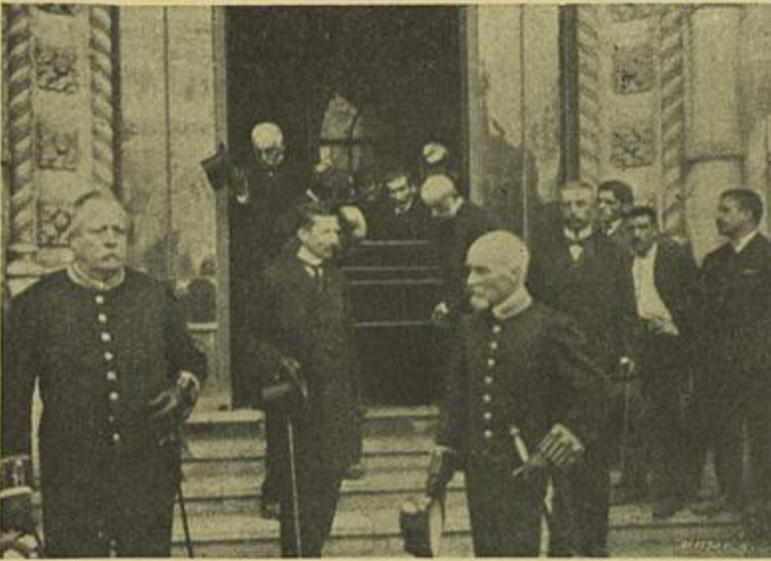
Havendo-se doutorado em direito em 1860, lente cathedratico na Universidade de Coimbra desde 1865, cedo entrou na politica onde tão notavelmente havia de provar suas vastissimas faculdades.

Foi nomeado ministro pela primeira vez em 1868 e em 1892, n'uma das crises mais graves da historia politica da nossa terra, foi presidente do conselho de ministros tendo por companheiros de governo o general Jorge Candido, o bispo de Bethsaida, o Visconde de Chancelleiros, Oliveira Martins, Ferreira do Amaral e Costa Lobo.

Advogado distinctissimo dos de maiores creditos nos tribunaes portuguezes, sua sciencia de jurisconsulto demostrou-a em varias obras de que citaremos os *Commentarios ao Codigo Civil Portuguez*, ao *Codigo do Processo Civil* e á *Novissima Reforma Judiciaria*.

A sua conferencia de ha poucos dias sobre actualidades politicas puzeram seu nome, mais uma vez, em grande evidencia. Não foi ella o que se esperava, comquanto liberalissimo se mostrasse Dias Ferreira. Parece que uma lucta se passou na alma do estadista velho e um desacôrdo havia que o embaraçava entre o raciocinio e o sentimento.

O enterro foi imponente. Transportado o cadaver desde Vidago até Lisboa, grande multidão o acompanhou ao cemiterio, falando junto do tumulo o sr. ministro das obras publicas, o sr. Ferreira do Amaral, antigo companheiro do illustre morto, o sr. Teixeira de Sousa, pelo partido regenerador, o sr. Sebastião Telles pelo partido progressista, e o sr. dr. Silva Amado, pela Academia Real das Sciencias.

Tristes lutos não teem faltado. Ainda elle não se aliviara pela morte de Hintze Ribeiro, mais tem o paiz de carregal-o.

E não só os homens de politica o obrigaram a tomar. Noticias vindas de Mossamedes nos contavam que já bastante sangue de portuguezes ali tem corrido para que se tire vingança das victorias dos cuamatas sobre as nossas tropas. O inimigo tem sido sempre repellido; mas é já grande o numero de mortos e feridos entre os que tão alto hão collocado o prestigio do nome portuguez.

Corriam boatos assustadores; dizia-se que no ministerio da marinha se haviam recebido novas muito tristes, quando veio o telegramma seguinte socegar os animos: «Tenho grande satisfação poder communicar que após uma verdadeira batalha no Mufilo, tres acções violentas e uma marcha de treze kilometros sob fogo vivo do inimigo, chegamos sempre victoriosos a Hamequen, onde estou montando um posto de *étapes* e concentrando viveres para proseguir até á Embala. Houve bastantes baixas, mas o espirito das tropas é inquebrantavel.»

Uma alegria? Não. Enthusiasmo, sim; mas não podemos deixar de exprimir o nosso sentimento pela morte de mais esses soldados que ali ficaram nas areias aridas que tantos corpos devoraram já.

D'Africa nos tem vindo agora boas noticias. A viagem do Principe está proxima ao seu termo e que gratas recordações elle deve ter da travessia que realisou, primeiro de sangue real, que pisa aquellas terras longinquas.

Deve estar em Lisboa no dia 28 d'este mez, razão porque, apesar de ser o dia de gala, pelos annos do Rei e da Rainha de Portugal, não haverá a recepção costumada no Palacio da Ajuda. Prophecias se teem feito sobre o que, por occasião da chegada do Principe, succederá em Portugal; mas os alviçareiros, que nunca os houve tantos como agora, teem andado por muito errados caminhos.

Os oradores junto do tumulo de José Dias Ferreira

Até quando não ha nada, dizem que o absoluto socego deve ser pronuncio de grandes coisas, lembrando aquelle ciumento das *Duas Bengalas* que perguntava inquieto: A ausencia de signal não será algum signal?

E já que a má sorte nos trouxe para um campo, d'onde tão cedo não sahimos, aproveitemol-o para saudar pelo seu reapparecimento os jornaes *Diario Popular* e *Vanguarda*, pois que findaram os trinta dias de suspensão a que foram condemnados.

Condemnadas á mesma pena foram tambem as *Novidades*. Reapparecerão brevemente, compradas aos seus antigos proprietarios, conforme carta em todos os jornaes publicada, pelo seu antigo redactor principal, o illustre jornalista Barbosa Collen. Defenderá, segundo se diz, a politica do sr. Teixeira de Sousa e a redacção ficará pertencendo ao nosso amigo sr. Mello Barreto, cujos meritos jornalisticos n'este jornal, desde ha muito, se confirmavam.

Na lucta travada entre os concorrentes á chefia regeneradora, não é na sua historia, esta noticia a de menos importancia.

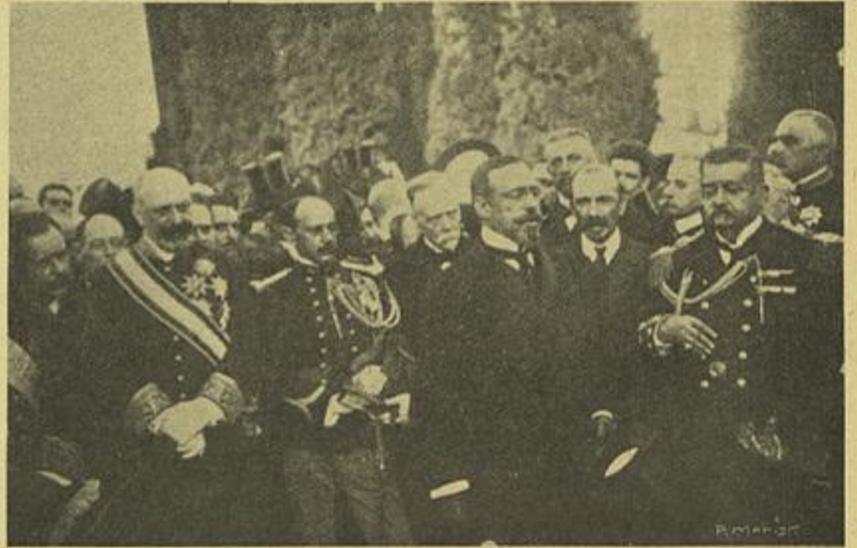
Outra, que vai dar armas ás opposições, com razão ou sem ella, para grandes ataques ao governo, é a resignação que definitivamente, parece vae ser feita de seu alto cargo pelo sr. Cardeal Patriarcha. O artigo, ha dias publicado pelo *Seculo* veio tirar toda a esperança aos que suppunham que o sr. Patriarcha attenderia as supplicas que lhe dirigiram as quaes parecera quer attenderer.

Sahida do feretro da estação central do Rocio

Raras vezes se viu mez de setembro, tão fecundo como este em vivas discussões, apesar da paz que nos assegura, cada vez mais, a imprensa estrangeira e os hymnos de louvor que hoje aqui, ámanhã ali, vão apparecendo ao governo no Cairo, em Malta, em Nazareth, no Egypto.

Pois nem o descanço semanal tem sido motivo de descanço para a policia, que viu mosquitos por cordas no passado domingo. As columnas dos jornaes veem todos os dias cheias com noticias de crimes, de desgraças, de roubos. São homens estirpados, são crianças esmagadas, são portas e bahus arrombados... Dizem uns que o governo é de calixtos, outros dizem que a culpa é do cometa.

Passamos, portanto, a qualquer coisa de mais alegre, que já não é sem tempo.

Na passada segunda feira, encheu-se de curiosos a Avenida, onde, pelas duas horas se effectuou a partida dos primeiros cavalleiros concorrentes ao *raid* promovido pelos nossos collegas da *Illustração Portugueza*. Eram vinte e sete os cavalleiros, quasi todos officiaes de cavallaria, tendo havido sete inscriptos que na vespera desistiram. A corrida muito bem organisada inspira o maior interesse e com anciedade são esperados os telegrammas do que fôr succedendo.

Os srs. Hogan Teves, redactor da *Illustração*, e o photographo sr. Benoliel acompanharão os cavalleiros em todo o percurso.

Lisboa, que com muitos espectaculos que audaciosos emprezarios lhe teem offerecido este anno, vae passando o verão menos sensaboronamente que o costume, teve a mais agora este motivo para apesar dos grandes calores já fóra da estação, diminuir o numero de seus bocejos.

Cintra e as praias divertem-se, ainda que n'aquellas em que se não joga seja grande o numero dos queixosos.

O *comité* de leitura em D. Maria continuou na escolha do repertorio. Tem que ouvir ler umas trinta peças, nem menos. Consta que, até á data em que esta escrevo, apenas approvou tres, escriptas, uma pelos srs. Gouveia e Santos, outra pelo sr. Affonso Gaio, e outra pelo sr. Augusto de Lacerda.

Na Avenida trabalha uma excellente companhia de opera-comica.

O inverno promette. Cumpra, é o que desejamos.

João da Camara.

Conselheiro José Dias Ferreira

Que podemos nós dizer depois da larga referencia que D. João da Camara faz, na sua Cronica, á morte do eminente jurisconsulto cujo nome era tão conhecido em Portugal como no estrangeiro, por suas obras, e do ministro que provou sempre sua dedicação ao paiz e ás liberdades da patria nos momentos mais criticos em que esta precisou do seu auxilio?

Teriamos de repetir palavras de D. João da Camara, porque outras não encontramos que melhor esprimam o sentimento publico por mais esta perda de um dos paladinos das liberdades publicas, que sempre defendeu com todo o vigor das suas convicções firmes, inabalaveis.

Limitemo-nos, pois, a inserir aqui suas notas biograficas, que melhor completam e dão a medida do jurisconsulto e do homem de estado e que são ao mesmo tempo seu maior elogio.

Nasceu José Dias Ferreira na Aldeia Nova de Pombeiro, distrito de Coimbra, a 30 de novembro de 1837; nos assentos da Universidade de Coimbra, porém, consta que elle nascera a 13 de de-

zembro de 1834. Era filho de Antonio Ferreira Dias, lavrador remediado que a seus filhos procurou dar boa educação, e muitas vezes ouvimos dizer ao falecido, que andava legoas para ir á escola, que era muito distante da sua aldeia.

Cursou o Liceu de Coimbra, em que revelou não vulgar inteligencia e natural aplicação; matriculou-se no primeiro anno de Teologia na Universidade, por tencionar seguir a vida eclesiastica; porém, no fim do segundo anno passou para a faculdade de Direito, cujo curso terminou com distinção, sendo premiado em todos os annos. Formou-se em 1859, e doutorou-se a 29 de julho de 1860, sendo despachado lente substituto extraordinario na referida faculdade em 1861, a ordinario em 1862, e a lente catedratico em 1865. Entrando na politica, foi eleito deputado pela primeira vez em 1861, e reeleito em diversas legislaturas, representando os circulos de Arganil, Anadia, Beja e Aveiro. Em 1868, no movimento conhecido pela Janeirinha, fez parte do ministerio, pela primeira vez, no gabinete presidido pelo bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins, encarregando se da pasta da fazenda; o ministerio demitiu se em julho do mesmo anno. Em 1870, no gabinete organisado pelo marechal Saldanha depois da revolta de 19 de maio, tomou novamente a seu cargo a referida pasta, e foi interinamente ministro da justiça; interino do reino, de 3 de junho a 31 de julho, e effectivo até 29 de agosto. Em 1892 tornou a ser chamado ao poder quando o ministerio transáto se demitira por causa d'uma grande questão sobre os Caminhos de Ferro. Encarregado de formar gabinete, ficou sendo presidente do conselho e ministro do reino. Fizeram parte d'este ministerio: Joaquim Pedro de Oliveira Martins (fazenda), visconde de Chanceleiros (obras publicas), D. Antonio Aires de Gouveia, bispo de Bethsaida (negocios eclesiasticos e de justiça), Francisco Joaquim Ferreira do Amaral (marinha), dr. Antonio de Sousa da Silva Costa Lobo (estrangeiros) e o general Jorge Candido Pinheiro Furtado (guerra). Durante o tempo em que foi deputado e ministro apresentou diferentes propostas e projétos de lei, alguns dos quaes motivaram grandes e renhidas discussões, tanto no parlamento, como na imprensa. Especialmente em 1892, os seus actos politicos provocaram agitadas controversias, criando-lhe serias dificuldades que o obrigaram a pedir a demissão. O ilustre parlamentar assumiu, na politica portuguêsa, um papel de absoluta independencia, combatendo todos os partidos, e constituindo-se chefe dum pequeno grupo denominado *constituinte*. Por ser na verdade muito reduzido, chamaram-lhe *patrulha*, sendo esta a designação por que ficou sendo geralmente conhecido este grupo politico.

José Dias Ferreira era o primeiro jurisconsulto do fôro português, foi advogado da Companhia Credito Predial e teve muitos annos escriptorio de advocacia em Lisboa. Em 1863, estando em Madrid por occasião da visita da familia real portuguêsa áquella côrte, a Academia Espanhola de Jurisprudencia convocou uma sessão em homenagem ao abalisado estadista, jurisconsulto, e o sr. conselheiro Dias Ferreira proferiu um notavel discurso que está reproduzido ou extratádo nas átas da mencionada academia. O conselheiro Dias Ferreira tinha a gran-cruz da ordem de Carlos III de Espanha, socio efétivo da Academia Real das Ciencias e da Sociedade de Geografia de Lisboa e correspondente do Instituto de Coimbra.

Escreveu e publicou: *Ensaio sobre os primeiros elementos da theoria da estadistica do ex.mo sr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio*, Coimbra, 1857; *Annotações aos elementos de direito natural do ex.mo sr. Vicente Ferrer Neto Paiva*, Coimbra, 1858; *Noções fundamentaes da philosophia do direito*, Coimbra, 1861; saiu nova edição com o titulo de *Noções elementares de philosophia do direito*, Coimbra, 1864; *Minuta da appellação na causa de investigação de paternidade illegitima intentada por José Delphino Mendes Veiga e D. Guilhermina Amalia Mendes Veiga contra José Mendes Veiga*, Lisboa, 1871; *Discurso proferido na sessão nocturna de 10 de dezembro de 1870 pelo sr. José Dias Ferreira... publicado por alguns amigos do paiz, admiradores do talentoso orador*, Porto, 1871; é a defeza do governo de 19 de maio a que pertencera o orador; *Reflexões juridicas a favor do visconde e viscondessa de Trancoso na cauza que elles intentaram contra D. Maria do O' Osorio Cabral para annullar o testamento com que falleceu Bartholomeu da Costa Macedo*, etc., Lisboa, 1872; *Codigo civil portuguez annotado*, Lisboa; tomo I, 1870; tomos II e III, 1872; tomo IV, 1874; tomo V, Coimbra, 1877; estas annotações ao *Codigo Civil* constituem um trabalho de muito valor, consultado por todos os jurisconsultos, sendo as suas indicações seguidas como se fossem leis em vigor; *Minuta de revista crime a favor do recorrido Manuel dos Santos Castro no processo numero 8:700*, Lisboa, 1872; *Questão de inventario, autos de appellação entre partes: appellante, D. Maria do Carmo; appellado, Pedro da Silva Cerveira Montenegro de Bourbon*, Lisboa, 1874; *Questão de aresto por motivo de abalroação entre o vapor inglez «City of Meca», e o vapor portuguez «Insulano»*, Lisboa, 1875; *Discurso pronunciado na camara dos senhores deputados na sessão de 30 de abril de 1879*, etc., Lisboa, 1879; *Questão vincular*, Lisboa; *Aggravo numero 19:531, relator o ex.mo visconde de Midões, aggravante o dr. Alberto Carlos de Cerqueira Faria; aggravados a condessa do Geraz de Lima e marido; objecto da questão: o dr. Alberto Carlos de Cerqueira de Faria na qualidade de cabeça do casal da herança de sua mulher a baroneza de Folgosa*, Lisboa, 1882; *Discursos contra a proposta syndicato Salamanca*, etc., Lisboa, 1882; *Questão judicial entre a senhora D. Maria das Dôres Silva e Almeida, appellante, e seu filho o sr. Carlos Maria Eugenio de Almeida, appellado*, Lisboa, 1882: *Uma decisão iniqua; embargantes condessa de Geraz do Lima e marido, embargado dr. Alberto Carlos Sequeira de Faria*, Lisboa, 1883; *Questão de doações: relator o conselheiro Mexia Salema; embargantes Carlos Maria Eugenio de Almeida e mulher; embargados D. Maria das Dôres Silva e Almeida e outros*, Lisboa, 1883; *Causa celebre; questões de investigação de paternidade illegitima; autores, D. Guilhermina Eugenia de Carvalho e filha, réus os herdeiros do barão da Gloria; relator o sr. J. J. da Cunha Rivara*, Lisboa, 1883; *Discursos sobre a reforma da lei eleitoral, proferidos nas sessões de 8 e 10 de março de 1884*, etc., Lisboa, 1884; *Discurso sobre a reforma da constituição proferido em sessão de 29 de janeiro de 1884*, etc., Lisboa, 1884; *Discurso sobre a reforma penal proferido na sessão de 18 de abril de 1884*. Publicou ainda muitos folhetos respectivos a questões juridicas, *aggravos, recursos, appellações, etc.*

Tinha em publicação, na Imprensa da Universidade o ultimo volume das *Annotações ao Codigo Civil Português.*

O conselheiro José Dias Ferreira fundou o jornal *O Tempo* de que foi proprietario e redator principal e onde afirmou as suas qualidades de jornalista vigoroso.

Foi deputado nas legislaturas de 1860-61, 1865-68, 1868-69, 1869-70, 18 0, 1870-71, 1871-74, 1875-78, 1879, 1880-81, 1882-84, 1884-87, 1887-89, 1890-92, 1893, 1894, 1896-97, 1897-99, 1900, 1901, 1902-904 e 1905, tendo sido neste ultimo anno elevado ao pariato por carta regia de 4 de abril de 1905. Tomou assento na camara dos pares em sessão de 15 de abril do mesmo anno.

C. A.

Viagem de S. A. o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

XIV

Chega-nos pelo correio noticias e fotografias das festas realisadas em Lourenço Marques durante a visita de Sua Alteza aquella cidade e, reproduzindo umas e outras neste numero, vamos fazendo, quanto possivel, a cronica ilustrada da viagem do Principe D. Luis Filipe ás colonias africanas.

Foi no dia 30 de julho, pelas 5 horas da tarde, que o *Africa* aportou a Lourenço Marques, fundeando proximo da ilha Xefina, mas só no dia seguinte ás 8 horas da manhã é que atracou ao caes Gorjão, seguido de um cortejo fluvial de muitos barcos embandeirados e por entre as salvas da bateria da Ponta Vermelha, do cruzador português *S. Gabriel* e do inglês *Hermes*.

Logo que o *Africa* chegou foi a bordo cumprimentar Sua Alteza, o governador sr. Freire de Andrade.

A recepção feita ao Principe D. Luis Filipe pelas autoridades da cidade, camara municipal, Associação Comercial e pelo povo, que acudio ao desembarque, foi muito festiva, lendo o sr. Serrão de Azevedo, presidente da Camara, uma mensagem de boas vindas e o sr. Leão Cohen outra por parte da Associação Comercial, as quaes Sua Alteza agradeceu, visivelmente bem impressionado, pelas calorosas aclamações com que era recebido.

Pela Avenida Teixeira de Sousa estendiam-se em alas mangas de guerreiros indigenas em numero superior a 15:000, e por entre ellas seguio Sua Alteza com luzido acompanhamento, aclamado entusiasticamente pela população.

Assim deu o Principe entrada na egreja de Lourenço Marques, onde foi cantado *Te-Deum* em ação de graças pela regia visita.

A cidade apresentava aspeto festivo com suas avenidas vistosamente enfeitadas de arcos triumfaes, bandeiras e balões para iluminação, tudo em grande alegria de côres, notando-se enormes bandos de indigenas com seus trages caracteristicos, coloridos, panos e peles de onça e outros animaes bravios, grandes escudos de pele de boi e de bufalo e fartos penachos de penas na cabeça, o que tudo constituia espectaculo de novidade para o europeu.

Mas nada sobrelevou o espetaculo do batuque de guerra em que figuraram 18:000 negros armados e equipados á sua moda. e que manobraram e desfilaram deante da tribuna real, armada em vasto campo, onde á vontade poude desenvolver suas marchas toda aquella negraria, atroando os ares com seus cantos de guerra e toques de marimbas e outros instrumentos gentilicos.

Espantoso espétaculo foi este, impressionante, talvez um tanto pavoroso até para o europeu, pouco abituado a vêr tão grande massa de negros com os estupendos penachos de grandes penas, enormes escudos, felpudas peles de bichos, quasi metendo medo.

Assim vieram tambem os regulos do distrito de Lourenço Marques, com suas comitivas, prestar vassalagem ao Principe Real.

Foi de respeito tão grande aglomeração de negraria na cidade, mas tudo passou em festa, sem disturbios de importancia, e antes com contentamento dos indigenas, a quem não faltou comer nem beber e ainda levaram para as suas terras.

E' esta mais uma prova do táto colonisador do português que sabe conter em respeito aquelles semi-selvagens, tratando-os bem e grangeando-lhes até as simpatias, donde deriva o nosso grande prestigio para aquelles povos.

Como festa civilisadora assistiu Sua Alteza a uma parada de 1:500 creanças das escolas distritaes no Gremio Militar. Ali poude vêr essas creanças alegres e satisfeitas executando seus exercicios gimnasticos, como as de qualquer escola na Europa, o que entre nós ainda não ha muito não se fasia.

Jantar de gala de 120 talheres na residencia do governador e almoço no Gremio Militar, foram numeros do programa das festas em que não faltou entusiasmo, na troca de brindes afétuosos e em que se fizeram votos pela prosperidade das colonias e de agradecimento pela visita de Sua Alteza.

No *Sport Club Português* houve em a noite da chegada do Principe um sarau-concerto em que tomaram parte uma distinta amadora a ex.ma sr.a D. Raquel Silva de Lima e, entre outros, três notaveis artistas, M.me Lomelino e os srs. Luis Delvenne e Arthur Boroen.

O baile oferecido a Sua Alteza pela Associação Comercial foi uma festa esplendida, fazendo as honras da casa o sr. Leon Cohen, presidente da Associação e M.me Cagi. A este baile concorreu tudo o que ha de mais distinto na sociedade de Lourenço Marques, incluindo estrangeiros, alguns dos quaes vieram de Pretoria e de Johannesburgo.

A passagem de Sua Alteza por Lourenço Marques, não ficou só assinalada por festas publicas, mas tambem por actos de maior importancia marcando os progressos daquella terra, como foram o lançamento da primeira pedra para o novo Palacio da Cidade ou Paços Municipaes, e egual ceremonia da ponte do Umbeluzi e ainda o do Instituto Goano, assistindo a todas o Principe Real.

Uma exposição de produtos coloniaes foi tambem um dos atrativos das festas com que foi celebrada a visita de Sua Alteza, e não seria esta a parte menos interessante para estudo e conhecimento do joven Principe.

Uma visita ás obras do caminho de ferro da Swavilandia, teve logar no dia 31 de manhan, seguida de uma caçada nos Libombos.

No dia 1 de agosto realisou-se a visita aos campos de Marracuene onde se feriu a celebre batalha de 2 de fevereiro de 1895. Ali foram Sua Alteza e sua comitiva, ministro da marinha, governador geral e outros oficiaes. São pitorescos aquelles campos, e onde se deu a batalha, lá está a sepultura resguardada por uma grade de ferro em volta, dos heroes que ali morreram pela patria em defesa da sua bandeira.

O que foi essa batalha, que encheu de gloria os soldados portugueses dil-o, no livro *A campanha d'Africa contada por um sargento*, na linguagem sincera e pitoresca do soldado, uma testemunha, que nella tomou parte.

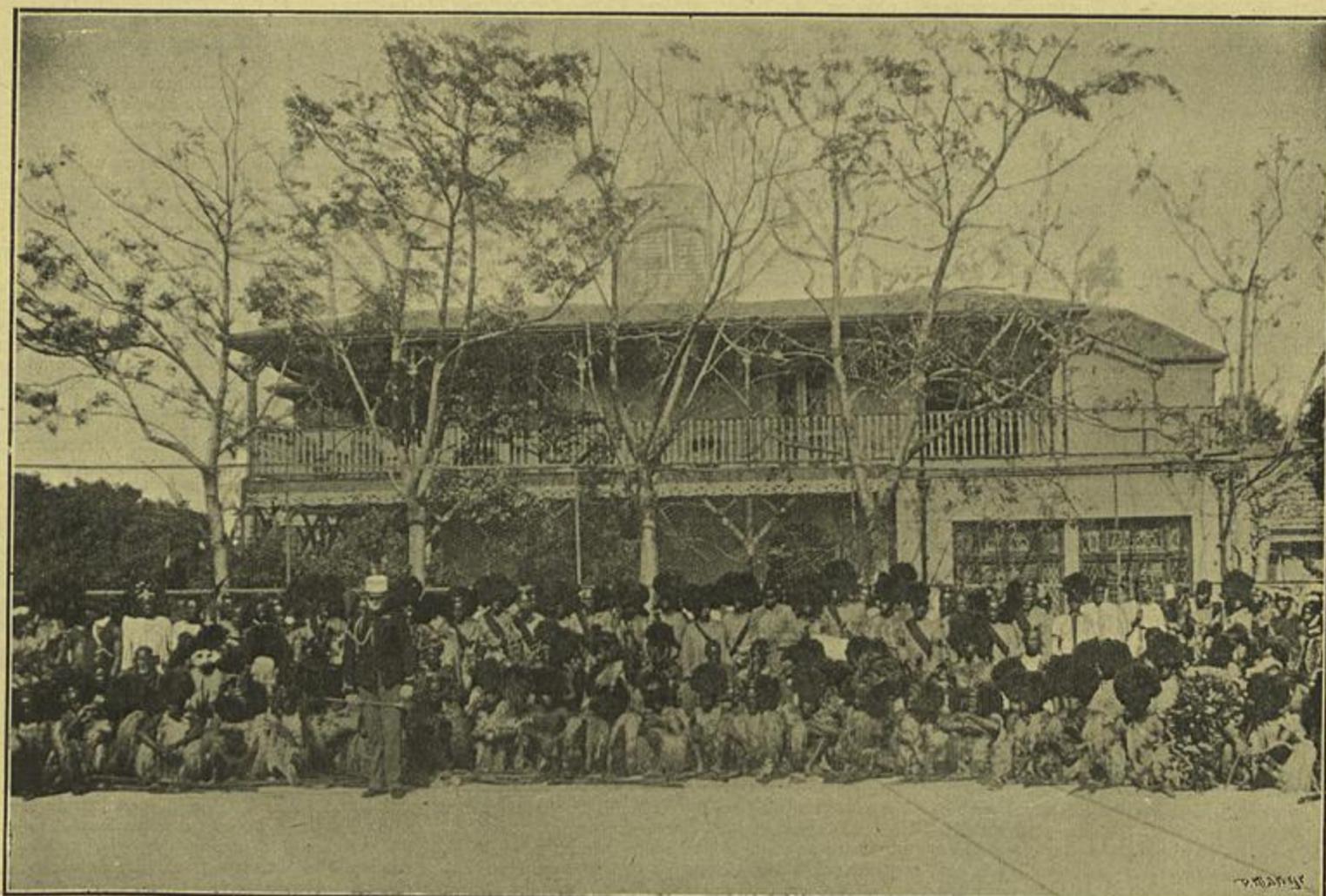
. . . .

«Ali, pelas quatro horas, ouviram-se umas vozes de alarme dos angolas, que eram as vedetas.

«— Ahi vem os landins, gritavam elles cheios de medo, procurando acolher-se ao quadrado.

«De facto ouvia-se grande rumor de gente na floresta.

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

Sua Alteza o Principe Real D. Luis Filipe e a sua comitiva no campo de Marracuene

Sua Alteza o Principe Real D. Luis Filipe á frente dos Regulos do Districto de Lourenço Marques e suas comitivas que vieram prestar vassalagem

(Fotografias de J. & M. Lazarus, de Lourenço Marques)

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

A revista de 18:000 indigenas armados, no campo do hipodromo de Lourenço Marques

A parada de 1:500 creanças das Escolas distritaes de Lourenço Marques, fazendo exercicios de gymnastica no Club Militar

(Fotografias de J. & M. Lazarus, de Lourenço Marques)

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

Pavilhão da Exposição Colonial em Lourenço Marques

«A escuridão da noite, não deixava vêr um palmo adiante do nariz, quanto mais enxergar o que se passava para além do acampamento.

«Fosse como fosse, tudo se pôz em armas, mas a confusão que logo se estabeleceu, fez com que, nos primeiros momentos, julgassemos que os negros que tinham corrido para o quadrado eram effectivamente dos nossos auxiliares.

«Enganámo-nos, porque eram os malditos landins, que gritavam:

«— Somos angolas; para assim os deixarmos romper as nossas fileiras.

«Mas estavamos ainda mal apercebidos do logro, quando talvez uma duzia d'elles, de assalto transpozeram uma das faces do quadrado, brandindo as azagaias, a torto e a direito, aos gritos e aos pulos, que pareciam possessos do diabo.

«Eram uns pretalhões como torres, com grandes pennachos de pennas na cabeça, que do corpo era o que traziam mais composto, e na escuridão até parecia que os olhos lhe brilhavam como os do lobo.

«Sentiam-se bater os escudos uns contra os outros, na desordem em que vinham e ao mesmo tempo ouvia se o baquear de corpos no chão e os gemidos dos feridos a confundirem-se com o estrondo das descargas sobre o quadrado.

«Isto passou se em menos tempo do que levo a contal-o, mas a rapaziada não perdeu a trasmontana.

«A' voz dos nossos officiaes entrámos em forma conforme poude ser, porque estava tudo misturado, pretos e brancos, sendo difficil distinguir, no meio da escuridão, quaes eram os amigos ou inimigos. N'aquelle momento quantos dos nossos ficariam feridos e mortos até, pe'as nossas proprias armas!

«Ondas negras de gente continuavam avançando sobre o quadrado.

«Os angolas dos postos de guarda recuavam precipitadamente e rompiam as nossas fileiras.

«Principiou ali uma lucta de corpo a corpo; as azagaias dos inimigos partiam-se contra as armas dos soldados. Alguns cahiam atravessados, mas os pretos pagavam caro a ousadia, porque as nossas bayonetas espetavam nos para a esquerda e para a direita, emquanto as coronhadas e os tiros se succediam desordenadamente fazendo enorme estrago.

«Já tinhamos então soffrido algumas baixas em a nossa gente; cahira morto o impedido do cirurgião França, atravessado por uma azagaiada; tivera egual sorte uma das sentinellas que guardava os cavallos; o alferes Antonio Manuel, de cavallaria, fôra ferido gravemente, e um soldado da policia, arvorado em artilheiro da peça do tenente Taveira, fôra colhido por uma bala que o matou; ao pé de mim baqueou um soldado angola e logo outro, e mais outro, todos varados pelas balas, e isto se passou n'um abrir e fechar d'olhos, primeiro que a artilheria podesse dar fogo!

«Mas não perderam pela demora. O capitão Machado, pondo a guarnição da sua peça em ordem, mandou fazer fogo sobre as mangas de negros que avançavam animados pelas vozes dos seus companheiros, que os chamavam de dentro do quadrado.

«Ao primeiro tiro da artilheria o fogo dos inimigos cresceu, respondendo-lhe a segunda companhia do nosso batalhão, que estava sendo atacada na face esquerda do quadrado.

«Por algum tempo, o fogo foi intensissimo mas os malditos negros atiravam-se para a frente com valentia, approximando-se tanto de nós que chegaram a entrar pelo flanco esquerdo, que os nossos auxiliares indigenas tinham deixado desguarnecido.

«Entretanto os alferes Pinto e Pinho corriam de um lado ao outro animando os angolas que se retrahiam ao combate.

«— Eia, rapazes não tremam, que a victoria é nossa, ouvi eu dizer muitas vezes.

«Eram vozes que se perdiam no meio do estrondo das descargas e dos gritos selvagens dos pretos.

«Um inferno!

«O inimigo cada vez crescia mais sobre nós e agora vinha uma onda de negros atacar a parte do quadrado desguarnecida, talvez na mira de levar uns cavallos que ali estavam.

«Mas foram descobertos e o major Caldas Xavier, um dos heroes d'este combate, como o foi de toda a campanha, mandou destacar immediatamente uma esquadra da companhia do capitão Aguiar, e pondo se á testa d'ella com o capitão Costa, carregou sobre os negros pondo-os em debanda.

«Mas aquelles diabos pareciam feras, soltando urros de raiva, vozes que nós não entendiamos, mas que evidentemente chamavam os outros ao combate.

«De repente, as tres faces do quadrado foram atacadas ao mesmo tempo por cardumes de negros, que avançavam sobre elle disparando tiros e despedindo azagaias, que ia tudo raso.

«As nossas fileiras, porém, já se achavam unidas e apesar do medo que os soldados angolas tinham dos landins, sendo preciso os officiaes da nossa columna animarem-nos a todo o momento, nós não arredámos pé e fizemos fogo intenso, que não deixava folgar o inimigo.

«A artilheria fez bom serviço e por cada tiro que disparava varria n'elles que era um gosto.»

. . . .

Nunca é demais recordar estas glorias das nossas armas, nos tempos modernos, e que bem conservam as tradições do exercito português.

Em Marracuene, como em Coolella e Magul escreveram as armas portuguêsas as paginas mais brilhantes de nossos dias, e o Principe português não poderia estar proximo de um desses campos de tão gloriosas recordações, que não fosse visitar e render sua homenagem á memoria dos heroes que ali iazem.

Foi, sem duvida, uma das notas da sua viagem que mais interessou e sensibilisou seu coração de português, naquelles longinquos plainos da patria.

XV

Durante a estada de Sua Alteza em Lourenço Marques a cidade conservou-se em festa e foi sob as mais agradaveis impressões que o Principe Real della se despedio e seguio para o Transvaal e colonias inglêsas, passando ainda na Beira onde entrou no caminho de ferro.

Grandes triunfos o esperavam naquellas colonias sob a bandeira inglêsa e na chegada a Johannesburgo foi alvo das maiores manifestações de simpatia, quer por parte da colonia portuguêsa, composta na sua maioria de madeirenses, quer por parte dos inglêses e naturaes.

Recebido condignamente pelas autoridades in-

Sua Alteza o Principe Real D. Luis Filipe assistindo ao lançamento da primeira pedra do Palacio da Cidade

(Fotografias de J. & M. Lazarus, de Lourenço Marques)

glêsas, passou a visitar as minas de Robinson, Ferreira e Simmir and Jack, observando em todas os trabalhos de exploração.

Em Johannesburgo tomou um comboio especial para Pretoria. Na travecia desta linha ferrea, foi Sua Alteza vitoriado em todas as estações por que passou e, em Rissik aguardava a sua chegada o comissario Lord Selborne, sendo o Principe Real recebido no palacio do governo do Transvaal.

No dia seguinte houve recepção na Casa da Camara onde foram lidas a Sua Alteza mensagens de boas vindas pelo presidente do municipio, da Camara de Comercio, colonia portuguêsa e deputação das minas de Pretoria.

A' noite foi o jantar de gala e baile oferecido a Sua Alteza.

Em Pretoria houve uma revista de tropas em honra do Principe. Sua Alteza almoçou com o general Hildyard, commandante das forças e ha noite realisou-se com a maior solemnidade a recepção no palacio do governo.

As festas publicas e as mensagens dirigidas ao Principe português afirmaram bem alto as cordiaes relações e reciprocidade de interesses que ligam as colonias portuguêsas ás inglêsas, cooperando as duas nações na civilisação e desenvolvimento das forças vivas da Africa do Sul.

Em Durban, onde o Principe Real chegou no dia 24 de agosto, repetiram se as mesmas manifestações de regosijo pela visita real.

Houve recepção na Casa da Camara, sendo lida pelo presidente uma mensagem em que se recordava a obra dos navegadores portuguêses que haviam descoberto aquellas terras, que hoje eram tão bem aproveitadas pela civilisação, como Sua Alteza podia vêr.

A todas as mensagens Sua Alteza respondeu agradecendo a forma carinhosa como era recebido e o prazer que sentia pelas cordiaes relações existentes, e que ellas se prolongassem para engrandecimento reciproco das colonias ali representadas.

Sua Alteza depois do *lunch* oficial de 100 talheres que teve logar no *Marine Hotel*, presidido pelo Lord *mayor*, deu um passeio no porto, a bordo de um rebocador, visitando Congella e Barea. A' noite houve jantar de gala, em que se trocaram significativos brindes de simpatia pelo Principe Real, não menos entusiasticos que as aclamações com que foi recebido pela população.

Não foi menos entusiastica a recepção feita a Sua Alteza em Bloenfontein, onde chegou no dia 27. As tropas formaram alas á passagem do Principe Real e depois desfilaram em sua frente. O povo aclamou-o com delirio. Na casa da camara foi-lhe lida uma mensagem pelo presidente, e ao almoço, assim como ao jantar de gala fizeram-se calorosos brindes, depois do que houve baile.

No dia seguinte seguiu o Principe para Kimberley, onde visitou as minas e se dignou aceitar um diamante de 15 quilates, e os diretores lhe ofereceram um banquete.

Em 30 chegou Sua Alteza á cidade do Cabo, a grande colonia inglesa, onde a recepção não foi inferior ás precedentes.

Grandes recordações historicas se ligam a este ponto da Africa, por ser o grande Cabo das Tormentas ou da Boa Esperança, dobrado pelo immortal Vasco da Gama, e a este facto aludio a mensagem que na Camara foi lida ao Principe português. O regosijo publico foi nesta colonia talvez maior, e com justiça, pela presença do herdeiro da corôa de Portugal, deste pequeno pais que tão longe levou a civilisação, lançando os seus fundamentos.

Ao jantar de gala compareceram todos os ministros, assim como á recepção a que concorreram mais de 400 pessoas da primeira socidade.

A passagem de Sua Alteza pelas colonias inglêsas e pelo Transwaal, deixou as melhores impressões nos seus abitantes, como recordações gratissimas ficam no espirito do Principe português.

Votos devemos todos fazer para que essas provas de boa amisade tão ruidosamente manifestadas, assegurem a continuação das nossas boas relações com aquelles povos, mantendo-se cada um em seu logar, e sómente unidos no mesmo esforço do engrandecimento daquelle novo mundo.

Do Cabo segue o principe D. Luis Filipe para Mossamedes, agora justamente elevada a cidade por decreto do governo português, commemorando assim a visita de Sua Alteza áquella formosa terra de Africa, que disfructa um bom clima e possue fertil territorio.

Do seguimento da viagem nos occuparemos no capitulo seguinte.

CAETANO ALBERTO.

LIÇÕES DE FOTOGRAFIA

Todos os amadores fotograficos conhecem os inconvenientes da pêra de cautchú, hoje universalmente empregada para abrir os obturadores das maquinas fotograficas, a qual apresenta como principal inconveniente, a facilidade com que se altera o cautchú. No fim de alguns meses sobretudo, quando, de inverno, a maquina não funcciona, n'uma camara fria, a pêra e o tubo de cautchú inutilisam se.

Ha pouco, houve ideia de aplicar aos obturadores, o transmissor flexivel Bowden já empregado no cyclismo. Um cabo d'aço gira livremente n'uma especie de cadeia flexivel formada de um fio de aço enrolado de forma que as espiraes se toquem, o que torna a cadeia incompressivel no sentido do comprimento. Ésta disposição permitte-lhe transmittir um movimento de vae-vem, por meio de um fio não tenso. Uma das extremidades da cadeia tem um botão especial que facilmente se manobra com o dedo polegar, e a outra, um annel.

Este novo sistema é muito adotado em Paris, encontrando-se á venda na casa Tuffery, 3 Rue de la Lune (Boulevard Bonne Nouvelle) e 18, bis, Rue Denfert Rochereau.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO X

(Continuado do n.º 1033)

A direção do colégio estava a cargo de um reitor a que era inherente o titulo de conselho por alvará de 27 de setembro de 1765

A proposito de um delles e dos mais illustres, José do Quental Lobo, conta Frei Claudio da Conceição, no seu conhecido «*Gabinete Historico*» a seguinte anedóta:

Servindo elle durante três annos, na reitoria do colégio, com muito zêlo e competencia, foi, subitamente exonerado concedendo-se-lhe, ao mesmo tempo uma pensão vitalicia.

José do Quental não se desconcertou com a surpreza em furias de pundonor ferido. Pausadamente, ceremoniosamente, dirigiu-se ao páço para beijar a mão a El-rei. Admitido á presença do monárca, dobrou o joelho e beijando a regia dextra, disse, com o ar mais serio d'este mundo:

— «*Senhor! Beijo a mão de Vossa Magestade por me fazer taes mercês; honrar-me, dar-me de comer e mandar me descançar.*

Não se extranhe este beija-mão tão facilmente concedido. Era esta uma das muitas regalias dos reitores.

Outra, por exemplo, era terem logar na plateia dos teátros da côrte. Uma vez que houve não sei que récita em Salvaterra, o marquês de Pombal entendeu dever dar aos reitores e professores esse privilegio que hoje nos parece de somenos importancia mas que então era honra de grande aprêço. Só os nobres e os militares de patente superior a podiam gosar. A aristocracia do talento frequentava a geral e, quando Deus queria, ficava á porta.

*

Entre os reitores que mais se distinguiram na direção do colégio, podem se apontar os nomes de Caetano Pecet, José Isidoro Oliviéri, Quental Lobo, José Dias Pereira e o Dr. Ricardo Raimundo Nogueira.

Este, que foi nomeado reitor em 2 de junho de 1802, éra um dos nossos mais cultos pedagôgos. Quando estudante de Coimbra, teve a honra de ser o escolhido, para defender as suas téses na presença do conde de Lippe com o que logo se encheu de fama e de gloria. Pouco depois vestia a béca de opositôr e o habito da ordem de São Tiago aureolando se de um tal prestigio que logrou alcançar merecidamente os mais elevados cargos e os logares de maior responsabilidade no ramo da instrução publica.

Assim, servio seguidamente os logares de deputado da junta de administração e arrecadação da fazenda da Universidade, substituto da cadeira de leis da mesma casa de ensino, deputado da inquisição de Coimbra, proprietario da cadeira doutoral da Sé de Elvas, lente da 1.ª cadeira do Instituto, lente de direito pátrio, bibliotecário da Universidade, socio da Academia Real das Sciencias, membro do governo do reino na ausencia de D. João 6.º e membro da Junta que havia de elaborar a primeira constituição politica em Portugal, vindo a falecer conselheiro de estado em 7 de maio de 1827 depois de uma vida toda consagrada ás boas lêtras que nelle perderam o mais entusiásta e tenaz propugnador.

O padre José Agostinho de Macêdo fez o seu elogio historico. Foi d'elle que extraí estes apontamentos biográficos. (1)

*

O Colegio dos Nobres inaugurou solenemente as suas aulas, em 19 de março de 1766, assistindo a familia real e a côrte.

O prefeito dos estudos pronunciou a oração de sabedoria finda a qual o vice-reitor e os primeiros vinte e quatro colegiaes prestaram juramento de defender sempre a Imaculada Conceição, padroeira do colégio.

Ainda outras vezes a familia real honrou com a sua presença as aulas assistindo aos actos finaes e á defeza de téses. No dia 26 de julho de 1786 houve ahi, por exemplo, uma dessas solenidades. Diz a *Gazeta de Lisboa* do dia 28 desse mês e anno:

«*A 26 do corrente houve no Real Colegio dos Nobres em presença de Suas Magestades e Altezas e com assistencia de um luzido e numeroso concurso, hum exame de réthorica e poesia, dedicado ao Principe Nosso Senhor e sustentado por Hermano José Bramcamp Castello-Branco e Jacintho da Costa Cabral e Vasconcellos Coutinho, alumnos do mesmo colegio. O primeiro deu principio ao acto por uma oração latina analoga ás circumstancias, e assás extensa, que recitou com grande propriedade, dando provas de uma prodigiosa presença de espirito, summamente apreciavel na sua tenra idade. Seguiram-se as perguntas que fizeram os dois professores de rethorica Francisco de Salles e Adrião dos Santos, sobre instituições de rethorica de Quintiliano e sobre as funcções do orador, propriedade do poema tragico e comico, segundo Aristoteles e Cicero, a que responderam ambos alternativamente com muita promptidão e acerto, recitando de memoria algumas passagens de autores latinos e portuguêses, em prosa e em verso com notavel exatidão. O acto se concluiu por um discurso em português que recitou o segundo dos ditos alunos em qual expoz a qualidade essencial do poeta e deu graças á Augusta Protectora de seus estudos e a todos os assistentes ao seu acto: o qual causando geral satisfação, obteve os bem merecidos louvores*».

Por carta de lei de 5 de agosto de 1775 foi criada a Academia Real de Marinha. Como não houvesse edificio disponivel para ella alojou-se provisoriamente numa dependencia do Colégio dos Nobres; mas como na nossa terra, o provisorio equivale a um quasi definitivo, ahi esteve 17 annos até 3 de setembro de 1792. Só então é que teve casas proprias. (2)

*

Varias disposições se decretáram e resolveram então com referencia ao colégio.

Ao que sei são as seguintes:

Resolução régia de 19 de outubro de 1789 que cria dois professôres, um de esgrima e outro de equitação com os ordenados respectivos de réis 200:000 e 240:000;

Resolução identica de 3 de abril de 1791 admitindo alunos externos na aula de esgrima com as mesmas clausulas de nobreza, que eram exigidas para a admissão ao internato;

Decreto de 16 de junho de 1792 tornando extensiva a disposição do externato a todas as aulas.

*

Paremos aqui.

No capitulo que se segue entra na agonia a exclusivista instituição do conde de Oeiras. Borges Carneiro, Pato Moniz, Serpa Pinto e outros, deputados ás primeiras côrtes constituintes, lançam, do alto da tribuna parlamentar, o primeiro anátema ao Real Colegio dos Nobres.

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) *Historia dos Estabelecimentos Scientificos Literarios*, etc., já citada. Volume 3.º Paginas 327 a 328.
(2) Idem, idem.

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

Decorações da Avenida D. Carlos, em Lourenço Marques
Arco da Colonia Chinêsa

Tentações de Sam Frei Gil

Em béla edição, com sujestiva gravura no frontispicio, editorou a Livraria Ferreira & Oliveira, este novo trabalho do inspirado poeta Antonio Corrêa d'Oliveira.

Não se apresenta sujeito ás leis da rima o livro *Tentações de Sam Frei Gil;* é antes uma obra de filosofia vibrando em cordas de lira e acordando as almas para o enlêvo da concépção, nas visajens do Infinito.

Ao lê-lo pensei naquêle famoso volume de Henri Heine intitulado *Poema e Legendas*, sem embargo da diferença profunda de escola e de sentimento, entre o alemão notavel e o nosso distinto compatriota.

Antonio Corrêa, nascido no formosissimo torrão que se denomina S. Pedro do Sul, apaixonado e carinhoso amante da virjem-natureza que ali, seu berço tanto prende e encanta pelas belezas e aromas, pela pureza das aguas e pela atmosféra salubérrima, Antonio Corrêa aquecido e alimentado na infancia pelo sublime de taes quadros e pelo proprio impulso das suas inclinações, começou mais tarde, a desassimilar de seu espirito as consonancias e harmonias com que vitalisa em fórmas apreciaveis o que constitue a deslumbrante essencia das coisas.

Uma amostra:

«Bem chorar, é chorar dentro dos olhos
De amor ao proprio Amor, — amor por elle;
E' condensar em lagrimas os cinco
Sentidos, e sómente pelas lagrimas
Ouvir e ver: gostar a vida e o mundo.

Bem-chorar, é chorar com sêde de alma:
Chorar para matar a sua sêde.

Bem-chorar, é sorrir para a tristesa:
E' ter nos fundos olhos apagados
O debruçado viço de essas plantas
Que só podem viver á beira de agua.»

Ha em *Tentações de Sam Frei Gil,* quatro mirajens em que todos os seres depõem, definindo-se na coexistencia e no significado.

São élas, respétivamente:

«Génese—Tentação do Amor—Tentação da Morte—Tentação da Vida.»

Eis, da *Tentação da Vida:*

«Pois toda a vida ha de já ser vivída
Não através dos corpos para as almas
Levando ás almas a illusão da Carne,
— Mas através das almas para os corpos
Trazendo á Carne o resplendor do Espirito,
Dominando-a e movendo-a no sentido
Do seu destino universal e eterno...»

Prosiga ainda o moço poeta Antonio Corrêa de Oliveira o seu caminhar de luz que enriquece e opulenta a lingua em que cantou o épico, e Garrett, e Castilho, e Soares de Passos, e João de Lemos, e Thomás Ribeiro e outros maviosos que fôram dormir e descançar para sempre!

O poeta de S. Pedro do Sul tem já consagrada num logar inconfundivel a sua lira afinada e delicadissima; entretanto, requere-lhe o verbo portuguez, que tantos maltratam e abastardam, o aprumo de continuidade no tanjer primoroso de cordas tão edificantes.

D. Francisco de Noronha.